



## Editorial

Fernando Figueiredo e Mário Rosa

### A AAT antes e depois do 25 de Abril

De um modo geral, a camada jovem da Teixeira nada sabe da origem da Associação. Para os jovens, a AAT pouco mais é que um edifício, a que recentemente se acrescentou uma piscina, constituindo um ponto de encontro de todos e lugar que lhes proporciona bem-estar e diversão. Julgamos que vale a pena dar a conhecer a história da Associação, baseada em documentos de que dispomos e em acontecimentos que foram testemunhados pelos mais velhos, felizmente muitos ainda vivos.

Para que o relato seja bem compreendido, teremos que recuar no tempo, contando um pouco da história da Teixeira, que poucos conhecem.

Tal como é referido no livro de Magalhães Colaço, publicado em 1931, no Cadastro da População do Reino de 1527, consta que na Teixeira vivia apenas uma família, numerosa como era habitual naqueles recuados tempos. Foram os descendentes dessa família que aos poucos foram colonizando as terras da Teixeira, construindo as Leiras e Açudes de cultivo e dividindo entre si todos os terrenos de matos e floresta.

Nos primeiros tempos, cada família tinha grandes extensões de terrenos de sua propriedade, as quais foram naturalmente diminuindo de tamanho, consoante a descendência era maior ou menor.

Ao que se sabe, há cerca de 200 anos, duas irmãs solteiras, sem irmãos e sem herdeiros, doaram as suas extensas propriedades, constituídas sobretudo por terrenos de matos e floresta, aos habitantes da Teixeira, para, em comum, deles poderem beneficiar, colhendo matos e lenhas e apascentando o gado.

Cabe aqui referir que, ao contrário do que era uso no País, na Teixeira, com a partilha dos terrenos acima referida, apenas ficaram a existir 200m<sup>2</sup> de verdadeiros Baldios, embora os nossos conterrâneos, por comodidade mas impropriamente, chamassem de “Baldios” os terrenos doados pelas duas irmãs. Prova de que na Teixeira só existiam os 200m<sup>2</sup> de Baldios, próximo do Cabeço do Gondufo, é o Ofício de 26/09/1934 da Câmara Municipal de Seia, e a Certidão da Junta de Colonização Interna datada de 06/07/1966 no mesmo exacto teor.

Os **terrenos comunitários** que a população da Teixeira recebeu por doação das duas irmãs, eram livremente utilizados por todos, com a única excepção do corte de árvores e venda da resina, que a Junta de Freguesia, em representação do povo, administrava e cujas receitas utilizava nas pequenas obras que se faziam, já que, antes do 25 de Abril, estávamos votados ao abandono e nem a Câmara nem o Governo davam um tostão que fosse.

Tudo o que se fazia de obras públicas era feito com dinheiro ou dias de trabalho dados pelo povo, sob a direcção da Junta de Freguesia. Assim, anualmente se arranjavam os caminhos, se fizeram 3 pontes em pedra, 2 fornos públicos, a compra de um sino e do relógio da Igreja, a ampliação do Cemitério, um ramal para viaturas com 2.000m antes da estrada nacional chegar à Teixeira, um abrigo nas Pedras Lavradas, na paragem da camioneta, o edifício da Junta, onde também funcionava a Cantina escolar e o Posto médico, etc.

Na Teixeira, que se saiba, de dinheiros públicos antes do 25 de Abril, só os canos para a captação da água das fontes, oferecidos pelo exército em 1930–1933 e o edifício da Escola, inaugurado em 1958, sendo que, antes, as aulas, com 40 a 50 alunos, tinham lugar numa sala ampla do “andar de baixo” de uma casa particular.

A Lei nº 1971, de 15/06/1938, do regime de Salazar, mandava submeter ao Regime Florestal Obrigatório os **terrenos baldios**, retirando-os da alçada das Juntas de Freguesia. A expensas do Estado, os mesmos eram florestados e construídas estradas e caminhos florestais, sendo as populações liminarmente proibidas, com pesadas multas, de os utilizar ou mesmo atravessar fora das estradas e caminhos. Particularmente grave era neles apascentar gado, ou cortar matos e recolher lenha.

No reconhecimento das áreas de Baldios do Concelho de Seia, efectuado pela Junta de Colonização Interna em 1942, não se indicou nenhum terreno da área da nossa freguesia em condições de ser submetido ao Regime Florestal Obrigatório, confirmando não haver Baldios à excepção dos ditos 200m<sup>2</sup>.

Para espanto geral, numa atitude prepotente, típica do regime ditatorial em que se vivia, por Decreto publicado no Diário do Governo nº 59, II Série de 11/03/1958, os terrenos “baldios” da Teixeira foram submetidos ao “Regime Florestal Parcial”!!! Nas outras freguesias do Concelho, onde existiam verdadeiros Baldios, já os trabalhos de florestação estavam concluídos ou em plena execução, apenas com a oposição de dois ou três proprietários, cuja reclamação, por escrito, tinha sido atendida.

Assim, quando os Serviços Florestais chegaram à nossa freguesia, não esperavam oposição e, entendendo que Baldios eram todos os terrenos sem árvores, começaram de imediato a demarcar os terrenos para florestação, sem dar cavaco a ninguém. Para o início dos trabalhos, trouxeram o pessoal que tinha trabalhado na florestação das freguesias vizinhas.

Quando o povo se insurgiu, tanto mais que, além dos terrenos comunitários doados pelas 2 irmãs, estavam a ocupar muitos terrenos que, sendo de mato, eram particulares, o responsável pelos trabalhos no terreno, de seu nome Eng.º Joaquim Manuel Boieiro, numa atitude de quero, posso e mando, levou a atitude de abuso ainda mais longe, alargando a área a ocupar até junto das terras cultivadas e palheiras e dizendo que, se os terrenos eram privados, então que provassem com documentos.

Ora, naqueles tempos, e em muitos casos ainda hoje, a transmissão de propriedade, por herança ou por venda, fazia-se sem documentos, oralmente, segundo costumes ancestrais por todos aceites e reconhecidos, nos tempos em que a voz pública e a palavra de honra se dizia valerem mais que uma escritura. Assim, sem documentos, não se fez qualquer reclamação escrita aos Serviços Florestais, mas o povo da Teixeira, que sempre foi pacífico, tentou explicar a situação e, não sendo atendido, revoltou-se perante o abuso.

Cada vez que os Serviços Florestais colocavam marcos, o povo arrancava-os. Em várias ocasiões, o povo impediu fisicamente os trabalhos de continuar. Num célebre dia, o Eng.º Boieiro chamou a GNR, que fez deslocar de Castelo Branco 2 pelotões de guardas. O sino tocou a rebate, sinal de alarme geral, todo o povo acorreu, com as mulheres à frente munidas de sachos. Um dos guardas deu várias coronhadas à Maria da Conceição Santos, sendo de imediato desarmado pela Laurinda Rainha. Vários guardas dispararam para o ar numa atitude ameaçadora. O povo cercou os guardas e por pouco ia-se dando um banho de sangue. Assustado com a evolução dos acontecimentos, o Tenente que comandava a força da GNR acalmou os ânimos e mandou retirar, tanto mais que cada vez se juntava mais gente, inclusive de povoações vizinhas onde o toque do sino fora ouvido.

Na sequência desta acção popular vieram a ser sujeitas a prisão preventiva a Maria do Céu Santos, que passou uma noite na prisão com o filho António, então com 2 anos e o João dos Santos (Pitadas). Também tentaram prender o tio Silvino dos Santos, mas o povo impediu a sua prisão. Gente heroica, posteriormente julgada com outras pessoas, todos absolvidos.

A luta prosseguiu, apoiada pela Junta de Freguesia. Os Serviços Florestais recuaram na área intervencionada, tendo nos anos seguintes florestado as zonas do terço mais elevado da encosta fronteira à povoação e construída uma estrada florestal que, alcatroada depois do 25 de Abril, é a actual estrada para o Sobral.

O então Vice-presidente da Câmara e a PIDE desencadearam uma série de acções intimidadoras, convocando para Seia diversas pessoas, que só ouviam ao fim do dia, fazendo-as perder a camioneta de retorno à Teixeira e com constantes ameaças de prisão. O tio Joaquim Pinto, membro da Junta de Freguesia que mais activamente se destacava na defesa dos nossos direitos, teve que “passar à clandestinidade” durante algum tempo, refugiando-se em Lisboa em casa de familiares. Vendo que não conseguiam que o

povo desistisse dos seus intentos, por Decreto nº 46.549, de 24/09/1965, a Junta de Freguesia foi dissolvida e, para maior humilhação, foi entregue a tutela à Junta de Vide, da qual a Teixeira se havia tornado independente quando se constituiu como freguesia.

Entretanto, os Serviços Florestais instalaram na Teixeira uma “esquadra” com 3 guardas florestais residentes, armados, que proibiam a recolha de matos e lenhas e o pastoreio. A determinada altura, multaram uma senhora que, vindo a corta-mato dos lados do Sobral com uma criança doente, atravessou terreno já florestado, por desconhecer o sítio certo de passagem. A revolta do povo crescia e, certo Domingo de manhã, no adro à saída da Missa, um dos guardas desentendeu-se com os presentes e ameaçou que, se necessário, usaria a pistola de serviço. Tanto bastou para o mesmo e os seus colegas terem que fugir a correr da Teixeira, perseguidos de perto. Nunca mais voltaram, abandonando os haveres e as galinhas que tinham na Teixeira.

Finalmente o Estado foi forçado a ceder, desistindo dos seus intentos e abandonando a zona já florestada. Na sentença do julgamento efectuado no Tribunal Judicial de Seia, datada de Julho de 1966, reconhece-se que os supostos “Baldios” da Teixeira eram, de facto, propriedade privada. Os terrenos foram desanexados do Regime Florestal por Decreto publicado no Diário do Governo nº 253, II Série, de 28/10/1969.

Por esta altura, estava restabelecida a Junta de Freguesia. No entanto, o povo, apoiado pelos membros da Junta antes dissolvida, receando que, no futuro, problemas semelhantes pudessem surgir e atendendo a que a Junta, como órgão do Estado, estaria mais à mercê do governo, então de Marcelo Caetano, resolve dividir os terrenos herdados das duas irmãs pela Teixeira de Baixo e Teixeira (de Cima), criando para o efeito duas associações, uma em cada povoação, a quem os entrega em propriedade plena: A Associação Progressiva da Teixeira de Baixo e a **Associação Amigos da Teixeira**.

Como sequela de tudo isto, os mais antigos ainda hoje desconfiam das expressões “Floresta”, “Projectos Florestais”, etc.

A **Associação Amigos da Teixeira** aprova os seus primeiros Estatutos em 22/11/1970 e é **oficialmente reconhecida** por Alvará do Governo Civil da Guarda em 22/05/1971, data esta que passa a ser reconhecida como data da sua constituição.

De 1971 até finais da década de 1980 a actividade da AAT limita-se à gestão dos terrenos, tendo como únicos rendimentos a venda anual da resina, cujo valor vai progressivamente diminuindo à medida em que esta actividade vai desaparecendo. As poucas verbas recebidas são utilizadas em financiamentos à Junta de Freguesia, em trabalhos por esta realizados na Teixeira.

Note-se que, após o 25 de Abril de 1974, a obrigação de financiar a Junta de Freguesia passa a ser do Orçamento do Estado, com a aprovação da Lei das Finanças Locais que institui o financiamento das autarquias.

No final da década de 1980 um grupo de teixeirenses residentes no Cacém e Aqualva, que costumava encontrar-se na Missa aos Domingos e passava as tardes desses dias no Café Pacato, dinamizado pelo António Santos Pereira (mais tarde fundador do Rancho Folclórico), resolve dar novo impulso à Associação. Organizam um churrasco, para o qual convidam muita gente dos residentes na Grande Lisboa, a quem aliciam para a causa.

Forma-se assim a Delegação da Grande Lisboa, a qual, de acordo com a Direcção, então constituída apenas por residentes na Teixeira, delineia o caminho a seguir. Por essa altura já não há rendimentos da resina, mas um grande incêndio nos pinheiros da Associação, avaliados antes de arderem em 18.000 contos, faz com que rendam depois de ardidos apenas cerca de 5.000 contos. Que fazer com este dinheiro? Seguem-se várias reuniões, após o que se decide avançar com a construção da Sede da Associação. Mas onde? Vence a discussão democrática: com uma votação de 10 a favor e 2 contra opta-se por tentar a compra dos terrenos onde actualmente estamos. Novas dificuldades surgem: o terreno, sem valor agrícola ou florestal, à excepção de um eucalipto gigante que é como que o *ex-libris* da Teixeira, é constituído por 15 parcelas, pertença de 12 proprietários!

Contar aqui a verdadeira odisséia que constituiu a aquisição do terreno, incluindo a construção do ramal de estrada para lá chegar, levaria a escrever mais 2 ou 3 páginas, que não vale a pena publicar. Diga-se apenas que foi muito difícil, implicou uma estratégia vencedora, custou bastante dinheiro e muito trabalho, tivemos a boa vontade, ajuda e compreensão da maioria dos proprietários, mas também algumas dificuldades e até quem se aproveitasse de forma que nos abstemos de qualificar.

Organizámos no Cacém diversos almoços de confraternização que galvanizaram os teixeirenses para a ideia da construção da Sede. Mas, com os 5.000 contos da venda dos pinheiros ardidos, boa parte já gastos na aquisição dos terrenos, não íamos longe. Até que, com uma ideia salvadora do Joaquim Figueiredo Reis, dono do Pacato, grande amigo e colaborador a quem a Teixeira muito deve, foi possível começar a mobilizar o povo, que aderiu entusiasticamente. Também criámos logo de início o Jornal da Teixeira, que, a nosso ver, muito contribuiu para o êxito de sucessivas iniciativas de angariação de fundos e para a união dos teixeirenses em torno da sua Associação.

Resolvemos avançar com as obras por fases, conforme a nossa capacidade financeira do momento. Neste entretanto, resolveu-se dissolver a Delegação da Grande Lisboa, integrando, nos Órgãos Sociais, associados residentes na Teixeira e fora dela. Elemento mobilizador por excelência foi o facto de as obras normalmente avançarem mais do que os dinheiros de que dispúnhamos. Dada a grande confiança que se

estabeleceu entre os associados e os Órgãos Sociais, pedimos empréstimos para avançar com as obras, pagando sempre a tempo e horas aos empreiteiros e fornecedores. Também os empréstimos foram rapidamente liquidados.

Há mais de 12 anos que o Edifício da Sede está ao dispor dos associados. Durante cerca de 20 anos os Órgãos Sociais, com muito poucas alterações, foram constituídas pelas mesmas pessoas. Chegou agora o tempo de se iniciar a passagem do testemunho, com a esperança de que o povo considere que, no essencial, cumprimos a missão que nos foi confiada.

Dos mais jovens, agora melhor informados, esperamos sejam dignos continuadores do esforço e dedicação à causa comum do povo da Teixeira.

## NOTÍCIAS DA TEIXEIRA

### Correcção

A Direcção

Por lapso, no texto "Assembleia-Geral de 18 de Fevereiro de 2007", referente aos novos corpos gerentes e publicado no mês passado, foram trocados dois nomes (António Pereira dos Santos e José Marques Gonçalves). Aqui fica a correcção e o nosso mais sincero pedido de desculpas.

---

#### Direcção

Presidente	Joaquim de Brito Reis
Vice-Presidente	António Reis dos Santos (Carmina)
Secretário	António Pereira dos Santos
Tesoureiro	José Álvaro Mendes
Vogal	José Marques Gonçalves

**Suplentes:** Gonçalo Figueiredo dos Santos; Joaquim Reis Santos; Jorge Alexandre Reis Tendeiro; Vítor Pereira Reis; António Pereira Reis;

### Jantar de Páscoa

A Direcção

O jantar organizado na Associação serviu de pretexto para que a Teixeira se enchesse de gente que lá se dirigiu nas mini-férias da Páscoa. A Associação também encheu. Foram 85 as pessoas que participaram

no jantar e que puderam saborear o arroz de pato que fez as delícias dos teixeirenses para quem, claro, o convívio foi o mais importante. Para completar o clima, que em tudo fazia lembrar Agosto, nem sequer faltou a música animada do mestre Quim Barreiros, que actuou nos Trigais, para onde os teixeirenses se dirigiram na habitual romaria.

Com estes eventos esperamos fortalecer cada vez mais o espírito de todos os teixeirenses e da nossa Associação. A Associação é dos seus associados, desta vez éramos apenas 85 pessoas, gostaríamos de contar com a participação de toda a massa associativa, nos próximos eventos organizados pela AAT.

## Primavera, a estação dos pólenes

Rui Brito

Chegou a primavera, época em que os montes da nossa Teixeira se embelezam de mil e uma flores. Com as flores chegaram também os pólenes e as alergias que estes provocam e que tanto incomodam alguns de nós.

---

### O que é o pólen?

---

Os pólenes são pequenos grãos, tipo pó, geralmente não visíveis a olho nu, provenientes de gramíneas, ervas daninhas, árvores ou flores

Ao contrário do que se possa pensar, os pólenes das espécies que têm flores e folhas vistosas, como as rosas e outras, são os que menos problemas alérgicos causam, pois são muito pesados; os grandes responsáveis pelas alergias, são os das gramíneas (fenos), ervas daninhas (alfavaca da cobra) e árvores (oliveira, plátanos), já que são leves e facilmente dispersos com o vento, sendo suficientemente pequenos para poderem entrar no aparelho respiratório.

As condições atmosféricas são determinantes na quantidade de pólenes que circulam no ar. Os períodos de chuva reduzem drasticamente a sua concentração no ar. Pelo contrário, o vento, a temperatura elevada ou o tempo seco são ideais para um aumento dos pólenes no ar.

Ao longo do dia as condições também se alteram sendo maior a concentração de pólenes perto do meio-dia e ao início da tarde.

---

### Conselhos

---

- Manter as janelas de casa e do automóvel fechadas sempre que possível;
- Evitar sair à rua durante os períodos de maior concentração de pólenes no ar;
- Ao sair de casa usar óculos de sol, para diminuir o impacto dos pólenes nos olhos;

- Evitar passear pelo campo ou cortar erva; Sempre que possível utilizar máscara de protecção;
- Tomar banho à noite; Lavar os cabelos para evitar a acumulação de pólenes na almofada e cama;
- Evitar secar a roupa no exterior, pois as roupas húmidas aprisionam os pólenes que podem agravar a alergia;
- Tomar a medicação prescrita pelo médico, tendo cuidado ao conduzir pois a maioria dos anti-alérgicos causam sonolência;

## NOTÍCIAS DA REGIÃO

### Câmara de Seia oferece aluguer do contador de água

Fonte: Porta da Estrela

Depois da isenção das taxas municipais para reconstruções, a Câmara Municipal de Seia prepara-se agora para isentar aos consumidores o aluguer do contador de água, soube o PE junto de uma fonte da autarquia.

A medida, que deverá entrar em vigor no próximo mês, surge após os protestos, nomeadamente no "Fórum" do sítio do Porta da Estrela na Internet, por parte de consumidores que se têm insurgido com o facto de a Câmara Municipal ter passado, desde o início do ano, a cobrar uma tarifa de utilização do saneamento calculada através do consumo de água e que varia entre os 37 e os 64 cêntimos por metro cúbico de água consumida. Por exemplo, um consumidor que gaste três metros cúbicos de água no primeiro escalão, sete no segundo e mais três no terceiro terá que pagar de tarifa de saneamento 6,15 euros, a que se junta ainda a taxa de saneamento no valor de 0,86 cêntimos, embora essa taxa tenha sofrido uma redução de 0,97 cêntimos de 2006 para 2007. Além do consumo de água, que para o exemplo atrás referido tem um custo de 8,48 euros, os consumidores devem ainda pagar uma tarifa de recolha de resíduos sólidos urbanos (lixo), que tem um custo de 3,65 euros.

Com estes custos, acrescidos à tarifa de disponibilidade (aluguer do contador), no valor de 2,52 euros para consumidores domésticos, no final do mês a quantia a pagar à Câmara Municipal seria de 21,97 euros, ou seja, um aumento de aproximadamente seis euros entre Dezembro de 2006 e Janeiro de 2007. Contudo, e ao que tudo indica, a Câmara Municipal deverá aprovar na próxima reunião, que deverá ocorrer no dia 2 de Maio, a isenção do pagamento de 2,52 euros pelo aluguer do contador. A medida, de acordo com a mesma fonte, privará, todavia, a autarquia de obter «uma receita considerável», que ronda os 400 mil euros por ano.



## Notas Soltas

Com a devida vência para a RTP, que edita uma rubrica com este nome, vamos passar a incluir alguns textos ligeiros, sob o título: Notas Soltas.

Este mês decidimos recordar os tempos de escola do povo da Teixeira com um poema que era comum nos livros de instrução primária.

### BALADA DA NEVE

*Batem leve, levemente,  
como quem chama por mim.  
Será chuva? Será gente?  
Gente não é, certamente  
e a chuva não bate assim.*

*Fico olhando esses sinais  
da pobre gente que avança,  
e noto, por entre os mais,  
os traços miniaturais  
duns pezitos de criança...*

*É talvez a ventania:  
mas há pouco, há pouquinho,  
nem uma agulha bulia  
na quieta melancolia  
dos pinheiros do caminho...*

*E descalcinhos, doridos...  
a neve deixa inda vê-los,  
primeiro, bem definidos,  
depois, em sulcos compridos,  
porque não podia erguê-los!...*

*Quem bate, assim, levemente,  
com tão estranha leveza,  
que mal se ouve, mal se sente?  
Não é chuva, nem é gente,  
nem é vento com certeza.*

*Que quem já é pecador  
sofra tormentos, enfim!  
Mas as crianças, Senhor,  
porque lhes dais tanta dor?!...  
Porque padecem assim?!...*

*Fui ver. A neve caía  
do azul cinzento do céu,  
branca e leve, branca e fria...  
Há quanto tempo a não via!  
E que saudades, Deus meu!*

*E uma infinita tristeza,  
uma funda turbação  
entra em mim, fica em mim presa.  
Cai neve na Natureza  
e cai no meu coração.*

*Olho-a através da vidraça.  
Pôs tudo da cor do linho.  
Passa gente e, quando passa,  
os passos imprime e traça  
na brancura do caminho...*

Augusto Gil

## PASSATEMPOS E HUMOR

No manicómio, em celas separadas...

- Eu sou um enviado de Deus à Terra...
- Mentira... eu não enviei ninguém!

- Sabem qual é a diferença entre um homem e uma mulher?

- O homem pensa... A mulher dá que pensar!

7		6				1		5
			3		4			
3								9
	2		8		3		5	
				5				
	3		1		2		8	
1								6
			9		7			
4		5				9		8

## CULINÁRIA

### Areias

Ingredientes:

200g de margarina

320g de farinha

150 g de açúcar

Raspa de 1/2 limão

Açúcar para polvilhar

Preparação:

Corte a margarina em pedaços pequenos. Misture a farinha com o açúcar e ponha em monte. Faça uma cova no meio, e deite aí a margarina, e a raspa de limão.

Trabalhe a massa com os dedos. Com a ajuda de um pouco de farinha, tenda a massa, formando bolinhos do tamanho de uma noz. Leve os bolinhos a cozer em forno médio, num tabuleiro bem untado com margarina e polvilhado com farinha.

Dificuldade: Médio

Custo: Barato

Tempo: Moderado

## SOLUÇÕES E FICHA TÉCNICA



### Jornal da Teixeira

**Director:** Fernando Figueiredo. **Secretário:** Mário Rosa. **Editor:** Jorge Tendeiro.

**Colaboradores:** Gonçalo Santos. **Informática:** Jorge Tendeiro. **Sede:** Teixeira, 6285-051

Teixeira Sei. Telefone: 238 66 00 20. **Delegação Lisboa:** Rua Cesário Verde N.º 27,

Paões-Vale Mourão. 2635-468 Rio de Mouro. Telefone: 21 431 43 66.

**E-mail:** associacao.amigos.teixeira@gmail.com

7	4	6	2	8	9	1	3	5
9	5	2	3	1	4	8	6	7
3	8	1	7	6	5	2	4	9
6	2	4	8	9	3	7	5	1
8	1	7	4	5	6	3	9	2
5	3	9	1	7	2	6	8	4
1	9	3	5	2	8	4	7	6
2	6	8	9	4	7	5	1	3
4	7	5	6	3	1	9	2	8